



ORGANIZADORES:  
GLAUCIANA ALVES TELES  
SÉRGIO CLAUDINO  
VIRGÍNIA CELIA CAVALCANTE DE HOLANDA

**FORMAÇÃO E  
PROFISSIONALIDADE  
DOCENTE EM  
GEOGRAFIA: DIÁLOGOS  
IBERO AMERICANOS**

Editora

**SER  
TÃO  
CULT**

## ORGANIZADORES



### **Glauciana Alves Teles**

Bacharel e licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará. Mestre e doutora em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PROPGEU) da Universidade Estadual do Ceará. Pró-Reitora de Extensão e Cultura da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Professora dos cursos de Geografia (Bacharelado e Licenciatura) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PROPGEU) da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Foi coordenadora do PROPGEU/UVA no período de 2019 a 2024, conduzindo o processo de criação e aprovação do Curso de Doutorado em Geografia



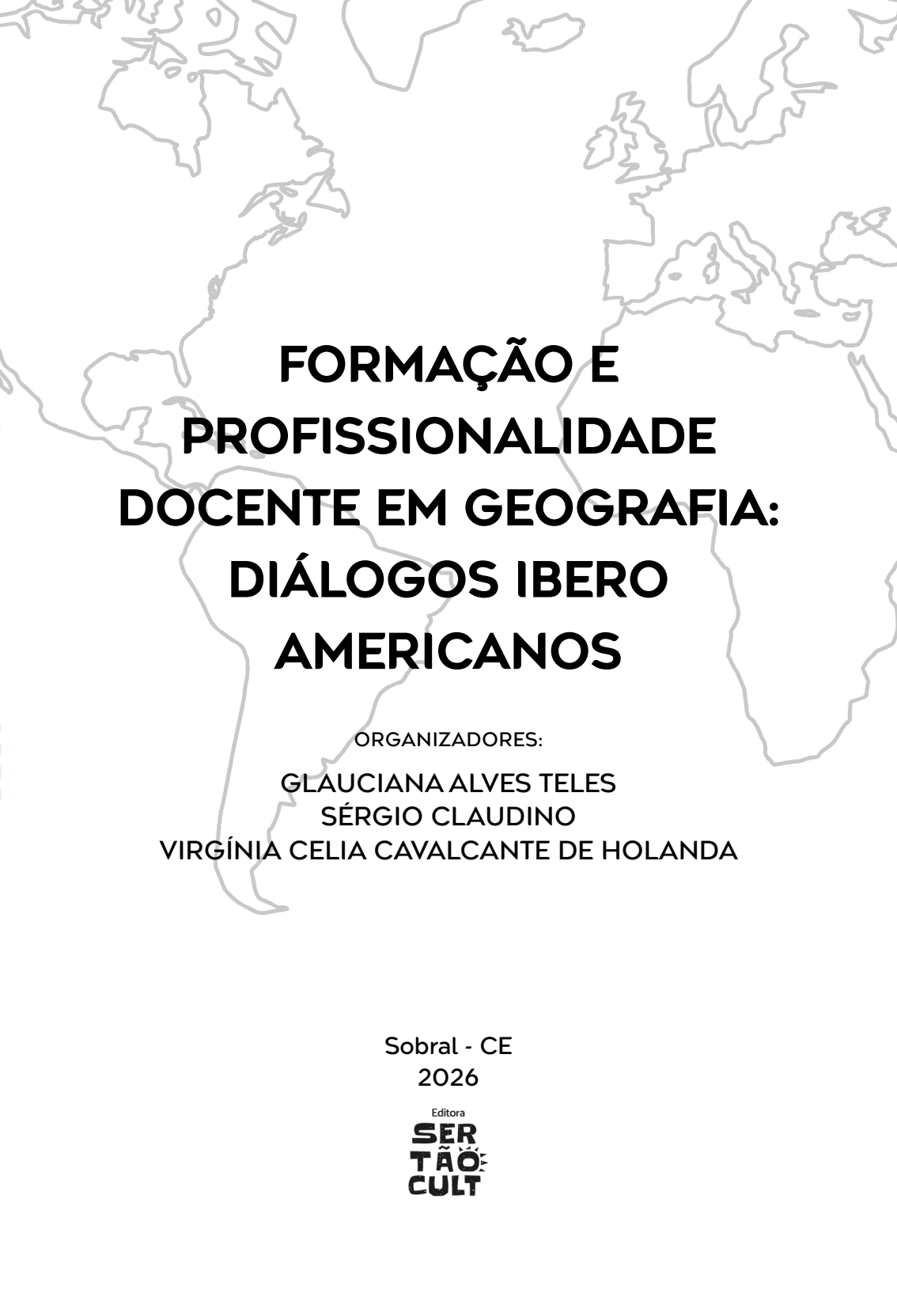
### **Sergio Claudino**

Licenciado em Geografia pela Universidade de Lisboa, mestre em Geografia Humana e Planeamento Regional e Local pela Universidade de Lisboa e doutor em Geografia Humana pela mesma instituição. Professor aposentado do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território e Investigador Principal do Centro de Estudos Geográficos – IGOT-UL. Foi coordenador do Mestrado em Ensino de Geografia da Universidade de Lisboa, tendo sido o principal impulsionador da criação desse curso por meio de uma Petição Pública Nacional apresentada à Assembleia da República em 2012.



### **Virgínia Celia Cavalcante de Holanda**

Graduada e mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará e doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Realizou estágio pós-doutoral na linha de pesquisa Dinâmica Urbana e Regional junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professora associada da Universidade Estadual Vale do Acaraú nos cursos de Geografia (Bacharelado e Licenciatura). Foi coordenadora do Mestrado Acadêmico em Geografia no período de 2012 a 2016.



**FORMAÇÃO E  
PROFISSIONALIDADE  
DOCENTE EM GEOGRAFIA:  
DIÁLOGOS IBERO  
AMERICANOS**

ORGANIZADORES:

GLAUCIANA ALVES TELES

SÉRGIO CLAUDINO

VIRGÍNIA CELIA CAVALCANTE DE HOLANDA

Sobral - CE

2026

Editora

**SER  
TÃO  
CULT**

# FORMAÇÃO E PROFISSIONALIDADE DOCENTE EM GEOGRAFIA: DIÁLOGOS IBERO AMERICANOS

© 2026 copyright by Glauciana Alves Teles e Sérgio Claudino, Virgínia Célia Cavalcante de Holanda (orgs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222  
contato@editorasertaocult.com.br  
sertaocult@gmail.com  
www.editorasertaocult.com.br

#### Cordenação Editorial

Marco Antônio Machado

#### Coordenação do Conselho Editorial

Antônio Jerfson Lins de Freitas

#### Conselho Editorial

Alberto Pereira Lopes (UFT)  
Ana Paula Pinho Pacheco Gramata (UVA)  
Emerson Ribeiro (URCA)  
Luís Filipe Gonçalves Mendes (UL-IGOT)  
Marcelo de Oliveira Moura (UFPB)  
Maria Rita Vidal (Unifesspa)  
Paulo Rogério de Freitas Silva (UFAL)  
Raimundo Lenilde de Araújo (UFPI)  
Sandra Liliانا Mansilla (UNT)  
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda (UVA)

#### Revisão

Janaelia Ferreira Vasconcelos Rodrigues

#### Diagramação

Rosilene Alves de Albuquerque  
João Batista Rodrigues Neto

#### Catálogo

Leigh Lima da Silva - CRB3/967

#### Apoio:



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



Instituto de Geografia  
e Ordenamento do Território  
UNIVERSIDADE DE LISBOA



F723 Formação e profissionalidade docente em Geografia : diálogos ibero-americanos / Organização de Glauciana Alves Teles, Sérgio Claudino e Virgínia Célia Cavalcante de Holanda. – Sobral, CE : SertãoCult, 2026.

276p.

ISBN: 978-65-5421-285-4 - E-book em pdf

ISBN: 978-65-5421-286-1 - papel

Doi: 10.35260/54212854-2026

1. Formação de professores. 2. Geografia – Estudo e ensino. 3. Prática docente. 4. Profissionalização docente. 5. Educação ibero-americana. I. Teles, Glauciana Alves. II. Claudino, Sérgio. III. Holanda, Virgínia Célia Cavalcante de.

CDD 910.71

Ensino de Geografia / Formação de professores de Geografia.  
370.71 (Formação de professores)



# Prefácio

As profundas transformações sociais, territoriais, tecnológicas, culturais e ambientais que marcam as sociedades contemporâneas colocam novos desafios à escola e, em particular, aos professores. Num contexto atravessado por crescentes desigualdades socioespaciais, mudanças curriculares sucessivas, intensificação do uso das tecnologias digitais e exigências acrescidas sobre o trabalho docente, a formação de professores de Geografia assume renovada centralidade. Mais do que assegurar o domínio científico e pedagógico da disciplina, formar professores implica hoje preparar profissionais capazes de interpretar criticamente o território, compreender a complexidade dos fenômenos contemporâneos e desenvolver práticas educativas comprometidas com a cidadania, a inclusão e a transformação social.

É neste horizonte que a presente obra se inscreve, reunindo investigadores e docentes de diferentes contextos ibero-americanos em torno de reflexões sobre formação, profissionalidade docente, práticas pedagógicas e desafios contemporâneos da Educação Geográfica. Organizado em três grandes eixos, o livro articula análises históricas e institucionais, debates teóricos e epistemológicos, experiências pedagógicas e problematizações políticas que evidenciam a diversidade de perspectivas e a riqueza do campo da formação docente em Geografia. Mas esta obra distingue-se, ainda, por uma assinalável originalidade: **é construída** a partir do primeiro curso de doutoramento em Geografia da Universidade Estadual do Vale do Acaraú/UVA e da sua disciplina de Formação e Profissionalidade Docente, que tem por docentes os dois primeiros organizadores do livro. Assim, a primeira parte é constituída por textos de docentes da disciplina que, de forma presencial ou online, apresentaram reflexões sobre o tema em seus respectivos países, numa alargada abordagem ibero-americana (consolidando-se, também por esta forma, o espaço ibero-americano de educação geográfica). Segue-se uma segunda

parte, em que estudantes de doutoramento, também em colaboração com os seus orientadores (que, assim, por vezes se repetem como coautores), dão conta das suas reflexões sobre a profissionalidade, a autonomia da pesquisa e a interculturalidade. Surge, então, uma última parte, em que estudantes também da disciplina e docentes, refletem sobre as suas narrativas de formação docente e de identidade e experiência profissional.

Ao encontro do que se referiu, a primeira parte do livro, dedicada às experiências internacionais na formação de professores de Geografia, oferece um panorama das transformações históricas, institucionais e políticas que têm marcado os processos formativos em diferentes países ibero-americanos. Os textos de Sérgio Claudino, Xosé Souto González, Sandra Mansilla, Olga Lucía Romero Castro e Eduardo Domínguez Herrera e Casandra Saraí Flores Chicón evidenciam que a formação docente se encontra profundamente condicionada pelas políticas educativas, pelas reformas curriculares e pelas políticas educativas, reformas curriculares e relações estabelecidas entre universidade, escola e Estado.

Embora situados em realidades distintas – Portugal, Espanha, Argentina, Colômbia e México – os capítulos convergem na valorização da formação docente enquanto dimensão estratégica para a consolidação de uma educação geográfica crítica, reflexiva e socialmente comprometida. Ao mesmo tempo, este primeiro eixo evidencia desafios comuns às diferentes realidades: as tensões entre autonomia e regulação institucional, os impactos das mudanças curriculares, a necessidade de valorização da profissão docente e o reforço da articulação entre formação científica, pedagógica e cidadã. A diversidade dos contextos apresentados reforça a importância do diálogo ibero-americano enquanto espaço de reflexão coletiva sobre os caminhos da formação docente em Geografia.

A segunda parte da obra, já de autoria exclusivamente brasileira e com as parcerias antes indicadas, aprofunda diferentes abordagens da formação e profissionalidade docente em Geografia no contexto brasileiro, reunindo textos que exploram dimensões identitárias, pedagógicas, interculturais, inclusivas e tecnológicas da docência. Neste conjunto de capítulos, a profissionalidade docente é entendida como uma cons-

trução ética, política e social, atravessada pelas experiências formativas, pelas práticas pedagógicas e pelos transformações contemporâneas.

Anna Karla Morais de Castro e Glauciana Alves Teles discutem a profissionalidade docente em Geografia a partir dos seus sentidos, saberes e desafios contemporâneos, refletindo sobre a articulação entre identidade profissional, formação e exercício da docência. Adriana Campani, bem como Arnóbio Rodrigues de Sousa Júnior e, de novo, a professora Glauciana Alves Teles, aprofundam perspectivas interculturais, decoloniais e antirracistas da Educação Geográfica, reforçando a importância de práticas educativas voltadas à valorização da diversidade cultural e epistemológica. Por sua vez, Jefté Sousa da Silva e Francisco Nataniel Batista de Albuquerque, juntamente com Yvina Pedrosa Vieira Gomes e Francisco Nataniel Batista de Albuquerque, evidenciam o papel da Cartografia na formação docente, quer na reflexão sobre o analfabetismo cartográfico estrutural, quer na promoção de práticas inclusivas através da cartografia tátil.

A terceira parte do livro reúne, então, relatos de experiências que evidenciam dimensões subjetivas e reflexivas da docência em Geografia, de estudantes da disciplina de Formação e Profissionalidade Docente, com a colaboração dos seus orientadores de pesquisa, como já referido. Os textos abordam a construção da identidade profissional, os desafios da formação docente e os impactos das transformações contemporâneas nos percursos e práticas educativas. Neste âmbito, Anna Karla Morais de Castro apresenta um relato (auto)biográfico centrado na construção da profissionalidade docente feminina, articulando trajetória pessoal, formação e exercício da docência. Já Jarbas Iago Freire Machado e Ana Paula Pinho Pachêco Gramata refletem sobre o papel das tecnologias educacionais na formação docente em Geografia, destacando os impactos dos contextos digitais e da pandemia nas práticas pedagógicas.

No seu conjunto, esta obra constitui um importante contributo para o aprofundamento do debate ibero-americano sobre formação docente em Geografia, ao articular diferentes contextos, perspectivas teóricas e experiências educativas. Os capítulos reunidos evidenciam que a profissionalidade docente se constrói em permanente diálogo entre formação, prática pedagógica, investigação, contextos institucionais e compromi-

so social. Entre desafios curriculares, perspectivas interculturais, práticas inclusivas, experiências autobiográficas e os impactos das transformações tecnológicas e políticas na educação, é reforçada a relevância da Educação Geográfica na formação de cidadãos críticos, territorialmente conscientes e socialmente comprometidos. Num tempo marcado por profundas mudanças e incertezas, este livro convida à reflexão sobre os caminhos da formação docente e reafirma a importância da escola, dos professores e da Educação Geográfica na construção de sociedades mais democráticas, inclusivas e críticas.

Mas este livro assinala, também, o aprofundamento da já intensa cooperação entre a UVA e o Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, desencadeada a partir da parceria na implementação do Projeto Nós Propomos! De forma mais alargada, constitui um marco na parceria da UVA com outros docentes e pesquisadores ibero-americanos no âmbito da formação inicial de professores de Geografia. Mas, em particular, esta obra celebra, também, o arranque de um curso e de uma disciplina em que estudantes e os seus docentes e orientadores colaboram no aprofundamento da discussão do que deve ser o professor de Geografia. Que excelente exemplo e motivação para todos nós!

**Ana Louro**

*Instituto de Geografia e Ordenamento do Território -*

*Universidade de Lisboa*

Maio 2026

# Sumário

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>FORMAÇÃO E PROFISSIONALIDADE DOCENTE EM GEOGRAFIA EM PORTUGAL: O DESAFIO .....</b>	<b>11</b>
<i>Sérgio Claudino</i>	
<b>ENSINO DE GEOGRAFIA E FORMAÇÃO DOCENTE NA ESPANHA .....</b>	<b>31</b>
<i>Xosé Manuel Souto González</i>	
<b>PROCESOS FORMATIVOS DEL PROFESORADO DE GEOGRAFÍA EN MÉXICO: TENSIONES ENTRE CONTINUIDAD Y DISCONTINUIDAD .....</b>	<b>53</b>
<i>Dr. Eduardo Domínguez Herrera</i> <i>Mtra. Casandra Saraf Flores Chicón</i>	
<b>DOCENTE EN FORMACIÓN Y ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA. EVOCANDO TRAZOS DE SU CONSTRUCTO HISTÓRICO EN EL CONTEXTO COLOMBIANO .....</b>	<b>67</b>
<i>Olga Lucía Romero Castro</i>	
<b>ACTUALIZACIÓN CURRICULAR DE LOS PROFESORADOS EN GEOGRAFÍA EN EL SISTEMA EDUCATIVO DESCENTRALIZADO DE ARGENTINA.....</b>	<b>85</b>
<i>Dra. Sandra Mansilla</i>	
<b>PROFISSIONALIDADE DOCENTE EM GEOGRAFIA: SENTIDOS, SABERES E DESAFIOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO .....</b>	<b>101</b>
<i>Anna Karla Morais de Castro</i> <i>Glauciana Alves Teles</i>	
<b>PROFISSIONALIDADE DOCENTE INTERCULTURAL CRÍTICA DECOLONIAL .....</b>	<b>125</b>
<i>Dra. Adriana Campani</i>	





# Apresentação

A obra *Formação e Profissionalidade Docente em Geografia: diálogos ibero-americanos* nasce do compromisso acadêmico e científico da linha de pesquisa *Ensino e Formação de Professores de Geografia* do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, reafirmando o papel da pós-graduação como espaço de produção de conhecimento de excelência, de fortalecimento da pesquisa e de construção de redes de cooperação internacional.

Este livro reúne reflexões, experiências, pesquisas e inquietações que atravessam a formação e a profissionalidade docente em diferentes contextos sociais, culturais e educacionais da Ibero-América. Ao encontro do Prefácio, a obra também expressa a consolidação das relações acadêmicas e institucionais entre a Universidade Estadual Vale do Acaraú e a Universidade de Lisboa, que mantêm convênio de cooperação acadêmica desde 2023. Tal aproximação tem possibilitado importantes intercâmbios científicos, formativos e culturais entre os programas de pós-graduação das duas instituições. Destacam-se, nesse contexto, as ações articuladas ao *Projeto Nós Propomos!*, que fortalecem diálogos internacionais comprometidos com a educação geográfica, a cidadania e a formação docente. Os capítulos aqui apresentados resultam desse movimento colaborativo entre pesquisadores do Brasil, Portugal, Espanha, Argentina, Colômbia e México, evidenciando a pluralidade de perspectivas teóricas e metodológicas que enriquecem o debate contemporâneo sobre o ensino, a aprendizagem e a docência.

Ao congregar pesquisadores experientes, professores da educação básica e do ensino superior, bem como estudantes dos cursos de mestrado e doutorado do PROPGEO em coautoria com seus orientadores, esta coletânea revela a potência formativa da pesquisa colaborativa e da interlocução entre diferentes trajetórias acadêmicas. Mais do que um conjunto de textos, o livro constitui um espaço de encontro entre sabe-

res, experiências e práticas educativas comprometidas com a transformação social e com a valorização da docência.


As discussões presentes nesta obra abordam múltiplas dimensões da docência e da formação docente, entre elas: a formação inicial e continuada de professores, a profissionalidade docente, os saberes e as identidades docentes, a docência intercultural, as práticas pedagógicas, os desafios do ensino de Geografia, as políticas educacionais, os processos de inovação didática e os contextos contemporâneos que tensionam o trabalho docente. Em comum, os textos compartilham a compreensão de que a docência é uma prática complexa, histórica e profundamente marcada pelas relações sociais e territoriais.

Em tempos de profundas mudanças educacionais, tecnológicas e sociais, pensar a profissionalidade docente torna-se um exercício necessário de resistência, reflexão e reinvenção. Nesse sentido, os diálogos ibero-americanos aqui construídos fortalecem perspectivas críticas e democráticas da educação, reafirmando a importância da cooperação internacional e da produção científica comprometida com a formação humana e com a justiça social.

Esperamos que esta obra contribua para ampliar os debates sobre formação e profissionalidade docente, inspirando novas pesquisas, práticas pedagógicas e parcerias acadêmicas entre instituições e pesquisadores. Que cada capítulo possa suscitar reflexões fecundas e fortalecer o compromisso coletivo com uma educação pública, crítica, inclusiva e socialmente referenciada.

Boa leitura!

Os organizadores



# Formação e profissionalidade docente em Geografia em Portugal: o desafio

*Sérgio Claudino<sup>1</sup>*

## **Em jeito de Introdução: centralidade docente e profissionalidade**

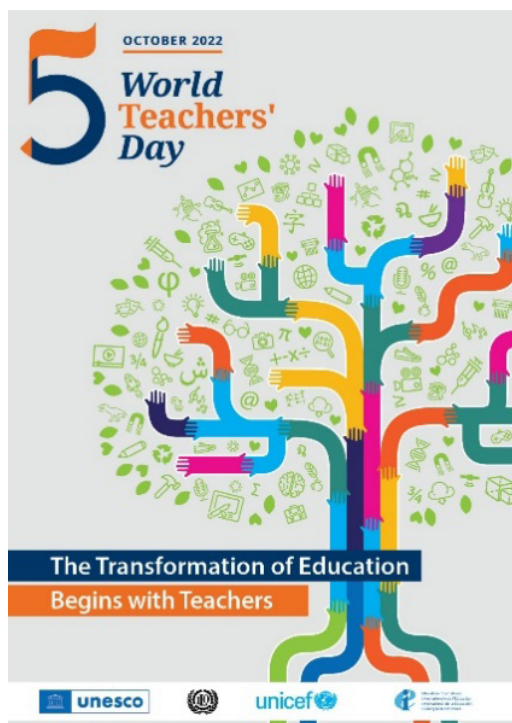
Quantas vezes os alunos deixam de gostar ou passam a apreciar mais uma disciplina, de um ano letivo para o outro, porque mudam de professor, que os deixa de cativar ou passa a motivar de forma diferente do anterior? Reconhecendo a centralidade dos professores nas mudanças educativas e na própria educação, desde 1994, e por iniciativa da UNESCO, celebra-se o Dia Mundial do Professor a 5 de outubro. Em cada ano, há um lema e, em 2022, este foi “A transformação da Educação começa com os Professores” (Figura 1). Na realidade, não há transformação educativa sem os mesmos, como as sucessivas reformas curriculares em Portugal, no primeiro quartel do presente século, comprovam: a reorganização curricular de 2001, que determinou a “substituição”, à revelia dos professores e das tradições escolares, de conteúdos por competências, soçobrou na reforma de Metas Curriculares implementada a partir de 2013; a reforma colocada em prática a partir de 2018, com a aprovação do Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória e das Aprendizagens Essenciais, reintroduziu as competências, mas agora sem

---

<sup>1</sup> Investigador do Centro de Estudos Geográficos/Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa e Laboratório Associado Terra. E-mail: sergio@edu.ulisboa.pt.

negligenciar as competências, num discurso de inovação curricular mais próximo daquele dos docentes. Mais em geral, a centralidade dos docentes continua a ser reconhecida (Unesco, 2022; Singh *et al.*, 2025). Esta valorização dos docentes observa-se, igualmente, em Geografia, desde logo pela Comissão de Educação Geográfica da UGI (*Commission on Geographical Education/International Geographical Education*, 2016).

Figura 1 - Os docentes protagonizam as mudanças educativas



Fonte: UNESCO, 2022

A centralidade dos docentes torna ainda mais pertinente a questão: que professores formamos? Que compromisso têm estes docentes com os seus alunos, com a sua própria formação? Qual a sua profissionalidade docente, afinal, seguindo a aceção de Borges (2014), de um docente reflexivo, em autoformação?

Sem prejuízo de uma discussão mais aprofundada sobre a relevância da formação inicial nas práticas escolares, pretende-se, com este texto, abordar a formação inicial dos docentes de Geografia em Portugal, de

novo em fase de mudança, numa perspetiva da construção da profissionalidade docente.

## 1. Século XIX: a Geografia ensinada por docentes de formação generalista

A discussão da formação de professores surge na sequência da institucionalização do sistema de ensino burguês, que se sucede à Revolução Liberal de 1820. Após múltiplas convulsões políticas e a única guerra civil que o país conheceu, em 1835 é aprovada a primeira reforma educativa liberal para a instrução primária, de implementação efémera. No ano seguinte, surge a primeira reforma da instrução primária e da instrução secundária, na qual os conhecimentos geográficos estão consagrados, mas sem que se formem professores para estes graus de ensino. A Geografia surge associada (e subsidiária) à História.

Na reforma de 1844, determina-se que o docente de Geografia e História seja o mesmo de Oratória, Poética e Literatura Clássica, especialmente a portuguesa<sup>2</sup> – ou seja, será alguém de formação humanista e generalista. Em 1849, também o docente da extinta disciplina de Economia Política é habilitado para o ensino de História, Cronologia e Geografia<sup>3</sup>.

Os docentes de Geografia são selecionados em concursos públicos, para os quais não são definidas habilitações literárias mínimas (Claudino, 2005). Têm prioridade os diplomados da Universidade de Coimbra. Há uma grande carência de professores, o que também ocorre (ou se amplifica) no ensino de Geografia (Conselho Superior de Instrução Pública, 1850). No ensino privado/particular, a dificuldade em recrutar docentes é superior. A partir da autoria dos compêndios escolares (Claudino, 2001), deduz-se que, na docência de Geografia, os docentes mais habilitados se encontram entre clérigos, bacharéis em Direito e antigos professores da instrução primária. Na dificuldade de encontrar docentes que dominem os conhecimentos científicos específicos, será difícil imaginar preocupações com a valorização da reflexão docente sobre as suas práticas.

---

2 Art.º 57º do Decreto de 22 de setembro de 1844.

3 Decreto de 12 de junho de 1849.

Em 1859, surge em Lisboa o Curso Superior de Letras, com a assumida preocupação de preparar os futuros docentes da instrução secundária (Carvalho, 1986) – é contemplada a formação em conteúdos de História, mas não de Geografia. Não espantará, pois, que, nos liceus, o ensino da disciplina que compreende a Geografia passe a ser assegurado por um professor de História ou de História e Oratória<sup>4</sup>. Anos depois, em 1880, é instituído o grupo de docência de Geografia e História, Legislação e Filosofia<sup>5</sup>, uma vez mais em evidente abrangência humanista; os professores eram selecionados através de concursos públicos sobre os conteúdos dos programas publicados para os alunos (Coelho, 1890) – era este o foco em que incidia a sua seleção, não na sua perspectiva sobre docência. Persistia a falta de docentes e eram muitos os excluídos nos exames públicos (Ferreira-deusdado, 1890), situação ainda pior no ensino particular (Ferreira-deusdado, 1894). Perante a ausência de docentes preparados para o ensino dos conteúdos de Geografia, o compêndio era o grande guia das aulas (Claudino, 2023). Ao longo da segunda metade de oitocentos, o ensino de Geografia alcançou um crescente prestígio e, para a autoria dos compêndios, mobilizaram-se agora também médicos, engenheiros, políticos e, naturalmente, diplomados pelo Curso Superior de Letras (Claudino, 2005), que se dispersavam, quantas vezes, por várias atividades.

Na instrução primária, de formação mais generalista, a formação dos seus professores vai sendo anunciada, reanunciada e adiada sucessivamente, refletindo também a dificuldade da sua implementação. Divulgada pela primeira vez em 1824, a Escola Normal Primária de Lisboa<sup>6</sup> só abrirá, de facto, em 1862, seguindo-se, pouco depois, a do Porto<sup>7</sup>. Os professores examinadores dos candidatos a diretores daquelas escolas devem saber ler, escrever, contar e ter algumas noções de História e Geografia (art. 4º) – aguarda-se que os futuros formadores de professores tenham alguma cultura geral destes dois saberes disciplinares, não exatamente uma reflexão sobre os percursos da docência junto das crianças. Num ensino de Geografia sem geógrafos (Claudino, 2020), os profissionais docentes serão aqueles com maior interesse pela disciplina

---

4 Portaria de 13 de outubro de 1860.

5 Decreto de 11 de junho de 1880.

6 Esta recupera a já formalmente criada em 11 de setembro de 1824.

7 Em 1866, formou apenas 27 professores (Ferreira, 1973, p. 20).

ou, simplesmente, aqueles que, por necessidades laborais docentes, se veem compelidos a ensinar a localização e o conhecimento dos territórios e das suas comunidades. Como ensinar é uma questão que estará pouco presente.

## **2. O ensino superior tem dificuldade em assumir a formação inicial**

Na reforma de 1901 do Curso Superior de Letras, em Lisboa, é instituída a Geografia na universidade. Formam-se professores para o ensino liceal de Geografia, num curso que associava a preparação científica disciplinar à formação na área da educação, o que surge pela primeira vez no mesmo Curso Superior. No 4.º ano, os futuros docentes asseguram aulas aos alunos matriculados no Liceu de Lisboa e participam em conferências nas quais se reflete sobre os programas e o ensino das disciplinas (Claudino, 2023). O ensino de Geografia está de novo associado ao de História, depois de revertida a autonomia disciplinar da Geografia aprovada na reforma de 1888.

Após a instauração da República, em 1911, nas novas Faculdades de Letras da Universidade de Lisboa e da Universidade do Porto, reforça-se o ensino de conteúdos de Geografia e só os bacharéis em Ciências Históricas e Geográficas passaram a estar habilitados para o ensino de História e Geografia. Nas Faculdades de Ciências, criadas em Lisboa, Coimbra e Porto, ensinava-se Geografia Física e começou a colaboração entre estas e as Faculdades de Letras na formação universitária em Geografia. Instituem-se as Escolas Normais Superiores naquelas universidades<sup>8</sup>, onde funcionam cursos de habilitação para o ensino secundário (Claudino, 2005), com a duração de dois anos: o primeiro, de formação mais teórica, assegurado por docentes universitários (de difícil recrutamento para o efeito), e o segundo, tutelado por docentes dos liceus de Coimbra e Lisboa, assegurando os futuros professores aulas sob a supervisão destes. No final da sua formação, havia um exigente Exame de Estado, perante um júri constituído, maioritariamente, por professores universitários – seguramente mais interessados em avaliar os conhecimentos científicos específicos que aqueles de didática, para os quais os

---

8 Decreto de 21 de maio de 1911.

próprios estariam pouco sensíveis. Nas reformas de 1918 das Faculdades de Letras e das Escolas Normais, intui-se a dificuldade em recrutar docentes universitários para as unidades curriculares pedagógicas<sup>9</sup>, às quais os docentes universitários seriam pouco sensíveis. Com as Escolas Normais, acentua-se a diferença entre a formação teórica e a prática (Claudino, 2005).

Em 1904, no Curso Superior de Letras, é admitido o primeiro professor de Geografia português, Silva Teles, e, na Universidade de Coimbra, em 1911, Anselmo Ferraz de Carvalho assumiria idêntica cátedra. Estes dois pioneiros do ensino universitário português de Geografia escreveram manuais escolares, o primeiro para o ensino primário, o segundo para o ensino secundário. Contudo, na sua trajetória académica, distanciaram-se claramente do ensino não universitário, um divórcio que o tempo acentuará (Claudino, 2023). Deste período, chega-nos, principalmente, o testemunho de algumas dissertações impressas, em textos muito académicos, nos quais se encontram muito ausentes o registro e a reflexão sobre as práticas escolares que os seus autores vivenciaram – a reflexão sobre a prática escolar é, visivelmente, desvalorizada.

As reformas de 1926 associaram, uma vez mais, a formação de professores de Geografia e de História à formação em Filosofia. Amorim Girão, professor de Geografia na Universidade de Coimbra e figura proeminente do segundo quartel do século XX, denuncia a ausência de adaptação dos conhecimentos geográficos da universidade (Girão, 1929), o que não deixa de ser significativo. Critica a associação da Geografia à História, por impossibilitar a formação naturalista dos futuros professores. Defende uma formação universitária autónoma em Geografia ou a sua associação às Ciências Geológicas (Claudino, 2023).

Ao encontro das posições de Amorim Girão, em 25 de fevereiro de 1930, as autoridades instituem a licenciatura autónoma de Ciências Geográficas. Desde 2023, 25 de fevereiro é o Dia da Geografia em Portugal.

O governo extingue as Escolas Normais Superiores, argumentando, precisamente, com o mau funcionamento no primeiro ano e uma situação ainda pior no ano seguinte. Institui-se um novo modelo de formação de professores, que internaliza as críticas à formação prece-

---

9 Decreto nº 4900, de 18 de outubro de 1918.

dente. Diferencia-se a formação teórica, que passou a ser assegurada por secções de Ciências Pedagógicas das Faculdades de Letras, da formação prática, desenvolvida em dois liceus normais, um em Coimbra e outro em Lisboa. O estágio passa a ter a duração de dois anos e decorre num liceu normal de Lisboa e noutra de Coimbra, sob a direção de um professor metodólogo. Apenas a funcionar naquelas cidades e com um número restrito de vagas, muitos candidatos só têm acesso ao estágio quando já iniciaram a sua carreira de professores e, nos dois anos da sua duração, não tinham direito a qualquer remuneração. Numa época em que os homens assumem a responsabilidade principal pelas despesas familiares, assiste-se a uma acelerada feminização do corpo docente (Claudino, 2005).

A reforma liceal de 1947<sup>10</sup> piora ainda o acesso ao estágio, ao encerrar o Liceu Normal de Lisboa. A carência de professores profissionalizados é tal que as autoridades são obrigadas a reabrir o estágio em Lisboa, em 1956, e a criar o Liceu Normal do Porto, no ano seguinte. Alves de Moura (1967), antigo professor metodólogo de Geografia, dá-nos conta das dificuldades de recrutamento de professores em cada novo ano escolar, com uma população estudantil cada vez mais numerosa. Outras medidas são tomadas para facilitar a profissionalização docente (Claudino, 2023).

Em Geografia, como noutras disciplinas, este foi o tempo dos ilustres professores metodólogos, uma elite de docentes que, com poucas exceções, produzia, desde os anos 1950, os livros didáticos de Geografia, muitos deles “livros únicos” a partir dessa década. Maioritariamente, eram discípulos de Amorim Girão e/ou antigos colegas de Orlando Ribeiro, por quem foram igualmente influenciados (Claudino, 2005).

Eram professores discretos. Apenas Alves de Moura assinou regularmente textos nos quais dava conta das suas preocupações educativas; João de Medeiros Constância, colaborador do Centro de Estudos Geográficos de Coimbra e professor metodólogo nesta cidade, publicou escassos textos sobre o ensino de Geografia. Dificilmente poderia ser mais significativo o silêncio quase total dos restantes metodólogos sobre a educação geográfica.

---

10 Decreto-lei nº 36507, de 17 de setembro de 1947.

Apoiados num texto de Medeiros Constância (1963-1964), podemos imaginar um estágio em que: i) se sublinhava, com alguma elementaridade, que a disciplina de Geografia não se esgota na memorização; ii) se apostava em aulas disciplinadas, com recurso a mapas e, crescentemente, a recursos audiovisuais; iii) se efetuava uma ou outra visita de estudo, mas em que se desvalorizava a participação dos alunos e a pesquisa sobre a construção das aprendizagens destes. Mesmo em 1969<sup>11</sup>, o júri do Exame de Estado foi tutelado por um conceituado professor da Universidade de Coimbra, sem qualquer experiência de ensino secundário, a significar a valorização dos conteúdos universitários de Geografia, não uma formação mais integral dos docentes da disciplina.

### **3. Profissionalização em exercício: a breve afirmação dos professores de Geografia na relação escola-comunidade**

Com a Revolução de 1974, extinguem-se as já decadentes Secções Pedagógicas, bastando a realização do estágio, agora tutelado pelo orientador. Em 1980, o novo regime democrático instituiu a profissionalização em exercício<sup>12</sup>. Trata-se de um modelo inovador: aposta na escola secundária como instituição e espaço de formação, pretende a abertura desta à comunidade e criam-se núcleos de estágio por todo o país, já não apenas nas principais cidades do litoral. O estágio é tutelado por um professor profissionalizado, sem o ascendente hierárquico dos antigos metodólogos. Encara-se a formação docente como um processo de autoformação, na nova abertura promovida pela Revolução dos Cravos, de 1974. Os órgãos da escola sancionam a avaliação do estagiário. Este modelo teve uma duração efêmera: talvez pela exigência que criava às escolas, como espaços de formação, aos próprios jovens professores/pesquisadores e pelos custos de um modelo de formação que continuava a não suprir as carências de formação.

Os jovens professores empenharam-se com grande sucesso na dinamização da relação entre a escola e o meio, na nova Área Escola, uma das três áreas de formação docente, designadamente na dinamização

---

11 Despacho de 3 de Maio de 1969, Diário do Governo de 10 de maio de 1969.

12 Decreto-Lei n.º 580/80 de 31 de dezembro.

do trabalho de projeto no âmbito da Educação Ambiental (Carvalho, Germano, Calado & Pereira, 1986). Em 1984, o Ministério da Educação e a Unesco estabeleceram um protocolo relativo à participação dos professores de Geografia naquele tipo de projetos (Claudino, 2005).

O dinamismo e a projeção então alcançados pela Geografia e pelos seus docentes não tiveram, infelizmente, continuidade no novo modelo de formação em serviço<sup>13</sup>. Retoma-se a formação teórica em instituições de ensino superior vocacionadas para a preparação de docentes, espalhadas por todo o país, muitas delas surgidas nos anos 1980 – centros integrados de formação de professores (Cifop) das novas universidades e, sobretudo, as Escolas Superiores de Educação dos novos Institutos Politécnicos. A formação em serviço assegura a profissionalização de milhares de professores que já se encontram a lecionar – na pressa em fomentar uma formação de docentes que igualasse as taxas elevadas de formação de outros países da Comunidade Europeia, em que Portugal ingressara em 1986. As autoridades educativas instituem, mesmo, situações de dispensa do projeto de formação e ação de muitos professores<sup>14</sup>.

#### **4. A universidade assume (e é obrigada a assumir) a formação inicial**

Entretanto, em 1971, surgiram, nas Faculdades de Ciências, os Ramos de Formação Educacional. Essas Faculdades e as novas universidades, criadas a partir de 1973, adotaram o modelo de licenciatura em ensino: nos primeiros anos, dominava a formação de base disciplinar, após o que funcionavam, em número crescente, disciplinas pedagógico-didáticas, que preparavam para o estágio, no 5º e último ano, em uma escola de educação básica e secundária. O estagiário é considerado um professor da escola, remunerado, e assegura duas turmas, sob a orientação de um professor da educação básica e secundária, coordenado, por sua vez, por um professor universitário.

Em 1986/1987, os alunos das Faculdades de Letras e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FcsH) da Universidade Nova de Lisboa, onde funcionavam os cursos de Geografia, exigem às suas instituições

---

13 Decreto-lei nº 287/88 de 19 de agosto.

14 Decreto-Lei n.º 345/89 de 11 de outubro.

universitárias que lhes assegurem a formação docente inicial, como já ocorria em outras universidades (Claudino, 2005). Tal ia ao encontro das pretensões governamentais de apressar a profissionalização dos docentes, no contexto da adesão de Portugal à Comunidade Europeia, como acima referido. Por imposição governamental, a formação inicial de professores passa a ser assumida pelos departamentos de Geografia, em colaboração com especialistas nas Ciências da Educação das respectivas universidades – na Universidade do Porto, na Universidade de Coimbra e na Universidade de Lisboa, por meio das Faculdades de Psicologia e Ciências da Educação e/ou de instituições que lhes sucederam. Cinquenta anos depois, deu-se o regresso da formação docente às universidades, mais por imposição governamental do que por projeto acadêmico desses departamentos.

Nos primeiros anos, funcionou um curso transitório de formação de professores. Após a conclusão da licenciatura, os futuros professores frequentavam, no primeiro ano, disciplinas de Ciências da Educação e, também, de Didática e Metodologia. No segundo ano, funcionavam o estágio e o seminário. Seguramente, procura-se que a formação docente seja um espaço de maior reflexão, em disciplinas de discussão dos processos de aprendizagem. Ultrapassada a fase de transição, a Universidade Nova de Lisboa prosseguiu com o modelo de formação bietápica: após a licenciatura em Geografia, de quatro anos, sucedia-se o curso de dois anos de formação docente, nos moldes indicados para o modelo provisório. As demais universidades seguiram, no essencial, o modelo da licenciatura em ensino, ainda que com diferenças entre si. Os professores de Didática da Geografia estão geralmente vinculados aos departamentos de Geografia, e os das unidades curriculares de Ciências da Educação são docentes das faculdades de Educação ou dos departamentos de Educação de suas faculdades. Essa formação mereceu um acolhimento geralmente positivo entre os responsáveis pelo ensino da Geografia em Portugal (Lemos, 2004).

Em 2005, no quadro de medidas economicistas (República portuguesa, 2005), o governo passou a considerar os professores em formação como alunos, que deixaram de exercer a tutela de turmas e de receber vencimento, com os docentes orientadores deixando de ser subvencionados. Reduzidos os custos de formação, é questionável se o novo mo-

delo de formação docente representou uma melhoria da qualidade da formação inicial<sup>15</sup> (Claudino, 2023).

Entretanto, esse período teve duração breve. Em 2006, foi aprovada a adaptação do ensino superior português ao Processo de Bolonha, com profunda alteração da formação inicial de professores de Geografia.

## **5. O Mestrado em Ensino de História e Geografia – a grande questão dos conteúdos específicos**

O novo regime jurídico da formação inicial de professores, de 2007, tornou obrigatória a obtenção do grau de mestre para se ser professor<sup>16</sup>. A grande novidade consistiu na unificação da formação de professores de História e de Geografia em um único mestrado – o que já fora contestado em carta da Associação Portuguesa de Geógrafos, de 10 de novembro de 2006, subscrita também por todos os departamentos universitários portugueses de Geografia e pela Associação de Professores de Geografia.

Temos conhecimento, por informação pessoal, de que essa unificação foi proposta, internamente, tendo por base o modelo escolar francês, no qual as disciplinas de História e de Geografia se encontram unificadas. Mas, em um contexto neoliberal, mesmo sendo o governo emanado do Partido Socialista, supõe-se que essa integração ia ao encontro da desvalorização das Ciências Sociais, em favor de preocupações economicistas. O currículo do Mestrado em Ensino de História e de Geografia passou a integrar unidades curriculares tanto de Didática da História quanto da Geografia, e os futuros docentes realizam a iniciação à prática profissional/estágio nas duas disciplinas. Para ingressar no Mestrado em Ensino de História e de Geografia, os estudantes tinham de possuir, pelo menos, 50 créditos em cada área disciplinar – ou seja, menos de um ano de formação universitária. A preocupação centrou-se, aqui, novamente, na formação científica específica dos futuros docentes.

---

15 Portaria 10097/2005 de 21 de outubro.

16 Decreto-Lei nº 43/2007, de 22 de fevereiro.

Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**

Este livro foi composto em fonte Minion Pro, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m<sup>2</sup>, com 276 páginas e em e-book formato pdf. Junho de 2026.

**Saiba como adquirir o livro  
completo no site da SertãoCult**

**[www.editorasertaocult.com.br](http://www.editorasertaocult.com.br)**

Editora

**SER  
TÃO  
CULT**

As profundas transformações sociais, territoriais, tecnológicas, culturais e ambientais que marcam as sociedades contemporâneas colocam novos desafios à escola e, em particular, aos professores. Num contexto atravessado por crescentes desigualdades socioespaciais, mudanças curriculares sucessivas, intensificação do uso das tecnologias digitais e exigências acrescidas sobre o trabalho docente, a formação de professores de Geografia assume renovada centralidade. Mais do que assegurar o domínio científico e pedagógico da disciplina, formar professores implica hoje preparar profissionais capazes de interpretar criticamente o território, compreender a complexidade dos fenômenos contemporâneos e desenvolver práticas educativas comprometidas com a cidadania, a inclusão e a transformação social.

